2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 13. QUINTA FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCCORROS DEVIDOS AOS LAVRADORES DO ALEMTEJO.

172 A acção do governo, em favor das desgraças sociaes, é um dos inconstestaveis principios que servem de base á organisação social; e é tambem um dos dogmas da nossa crença, como redactor deste jornal.

É diante das necessidades, que resultam da adopção deste principio, ou ante as urgentes necessidades do ensino, e das obras publicas, que a nossa situação economica se appresenta defficiente, e sem forças para civilisar o paiz.

O filho do lavrador cresce, e faz-se homem, sem que haja quem, pelo menos, lhe ensine a lêr. — Seu pae vê a tempestade levar-lhe as sementes da esperançosa colheita, sem que receba soccorros dos cofres do Estado. — Se passa a ser invalido do trabalho, a elle como ao operario fabril, não lhe está destinado outro asylo além da arvore da estrada que o abrigue como mendigo, e da pedra que lhe sirva de repouso.

Os habitantes das provincias soffrem o depreciamento do producto dos seus trabalhos, veem os generos perder o valor, amontoando-se-lhes á porta, e não teem estradas, nem canaes, para os conduzirem onde são procurados.

Erros de muitos annos nos tem levado a tão lastimoso estado, que bem parece estar a terra da patria esterilisada por haver sobre ella cahido sangue de irmãos, derramado pela espada exterminadora das paixões politicas. Sobre todas recahe a culpa, e quasi que não haverá um homem que possa atirar com a pedra aos criminosos.

Para que se approxime a epocha, em que o desengano falle mais alto do que a paixão, convém não deixar passar uma só consequencia da nossa triste situação, sem sobre ella chamar a attenção publica.

É o que hoje fazemos, em relação aos soccorros, que são devidos aos lavradores do Alemtejo.

A REVISTA é jornal que ha muito deffende os interesses agricolas, e nós não deixaremos nunca de ter a nossa penna ao seu serviço.

Logo que, nos fins de Junho, uma horrivel tempestade caíu sobre parte do Alemtejo, não só demos noticia de tão grave acontecimento, mas pedimos ao Governo que, em cumprimento de um dos seus deveres mais sagrados, tomasse conhecimento do acontecido para poder prestar os soccorros, que em taes circumstancias se não podiam negar.

Não sabemos se as informações, que se deveriam ter pedido, chegaram ou não ao conhecimento do Governo; mas o que sabemos por cartas dos nossos correspondentes e assignantes, é que os lavradores prejudicados não podem, sem irremediavel ruina, esperar muito mais tempo por taes soccorros.

Respondemos á honra que nos fazem communicando-nos estes factos, com a sua publicação, pois que o Governo não deixará de tomar promptas providencias sobre o assumpto, quando a imprensa lhe transmittir a verdadeira e afflictiva situação dos lavradores, que devem ser soccorridos.

Não se póde duvidar da existencia da calamidade, que desgraçou tantos lavradores; e ainda hoje cartas, que temos presentes, confirmam que a tempestade de 21 de Junho arruinou Alter do Chão e Fronteira: — o trigo desapareceu da maioria das tulhas; — as courellas, que andavam de renda, ficaram arrasadas, — os montados e as tapadas ficaram como se lhes houvesse entrado o fogo, — e muitas arvores e vinhas foram arrancadas pelo vento. O trigo temporão que, como todos sabem, estava por ceifar ficou perdido. Apontaram-se sitios, como a Cardoza, em que a ruina foi geral.

Aos prejuizos das terras juntaram os lavradores grande perda nos gados.

Os pastos foram queimados e nem o restolho escapou ao fogo do temporal. Em Evora Monte e Souzel os prejuizos foram tambem grandes.

No meio da reproducção deste quadro lastimoso, figura o lavrador sem recursos para pagar a renda — o juro enorme de algum capital, que pediu para o amanho das terras — e sem poder tambem pagar a contribuição, que lhe seja pedida sobre lucros que não teve.

Um anno de desgraça completa é para o lavrador a sua ruina futura: — nunca mais a cabeça se lhe levanta de sobre o abismo da mizeria que o ha de tragar.

O Governo, estendendo a mão para esses infelizes

lavradores, cumpre o dever social de os arrancar da sepultura da pobreza eterna para a vida laboriosa mas contente do trabalho.

Ante casos destes devem ser vencidas todas as difficuldades de qualquer situação. — Façamos o que podermos, já que a nossa continuada crise financeira nos não permitte fazer tudo quanto deviamos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

MODO DE CONSERVAR AS UVAS.

173 Ao norte da Italia empregam o seguinte methodo para conservar as uvas.

Colhem-se estas por um tempo bem secco; e limpam-se bem de todos os bagos podres, ou esmagados. Depois acamam-se dentro de uma caixa, collocando entre cada camada uma forte porção de folhas de pecegueiro que tambem devem ser das melhores, e bem escolhidas. Feito isto collocam-se as caixas, em uma casa, bem arejada e que não seja humida, sobre vigas de madeiras postas horisontalmente.

As uvas conservam-se por esta maneira até aos mezes de Junho e Julho.

NOVO REMEDIO CONTRA A HYDROPHOBIA.

174 Até ao presente nenhum remedio se conhecia efficaz contra a raiva procedida da mordedura de animaes damnados; o mais a que podia aspirar-se era prevenir o insulto daquelle terrivel mal, cauterisando logo a ferida com ferro em brasa: mas não havia exemplo de escapar de padecimentos crueis e da morte uma só pessoa das que eram atacadas de hydrophobia.

Por isso (diz a *Patrie*, jornal de París) o annuncio de um remedio, usado com feliz exito, causou grande sensação quando M. Arago o noticiou á Academia das Sciencias. — «O auctor desta communicação é M. Rochet d'Hericourt, celebre pelas suas viagens á Abyssinia, que, recolhendo da sua ultima excursão ao sobredicto paiz, nos participou esta interessante noticia, dizendo-nos que traz grande porção do indicado remedio para fazer experiencia.

«Este annuncio achou muitos incredulos; e pela nossa parte, não quizemos fallar a similhante respeito sem nos informarmos do intrepido viajante da fé que tem nesse especifico; respondeu-nos que está plenamente convencido da sua efficacia, e que todos se convencerão egualmente quando os factos a comprovarem. Trouxe da Abyssinia a planta, que na raiz contém o remedio anti-hydrophobo: o principio activo, segundo parece, reside na epiderme ou casca da raiz: porque o modo de preparar o medicamento na Abyssinia é o seguinte: — Tira-se a casca muito ao de leve, e depois de secca reduz-se a pó. Applica-se, dando ao enfermo dez ou doze grãos deste pó em tanta porção de mel ou de leite quanta leve uma colher. Hora e meia depois de tomada esta dose, espaço de tempo em que tem o doente muitas evacuações e vomitos, dão-lhe a beber copiosamente soro de leite, e quando a final está mui debilitado em consequencia das evacuações, fazem-lhe comer galinha assada com manteiga e temperada com muita pimenta: dizem que para demorar o effeito do medicamento. Julga M. d'Héricourt que os medicos francezes proscreverão esta parte do tratamento, que lhe parece um tanto selvagem.

Os effeitos emeticos e catarticos da raiz obram tambem nas ourinas, que engrossam consideravelmente, e nas quaes está demonstrada a existencia de vermes microscopicos.

Logo que a dose que tomára tem produzido effeito, o doente atacado da raiva está salvo, e não tem mais do que entregar-se á influencia do especifico do medicamento.

O viajante francez relata com individuação as curas que presenceou. Feitas as devidas experiencias do remedio em França, tratar-se-ha de acclimatar a planta que o produz.

LINHO DA CHINA.

Lemos em um jornal francez:

147 «A agricultura franceza acaba de enriquecer-se com um producto dos mais preciosos.»

«Este producto é o linho da China *(lo ma corchorus)*, cujas sementes foram trazidas para França por M. Itier, membro da embaixada franceza na China, e que foram cultivadas e naturalisadas em Marselha por M. Garnier Savatier. Este linho cuja reproducção é já hoje segura pelas sementes obtidas com as melhores condições possiveis, eleva-se até á altura de 7 a 8 metros: a haste tem de circumferencia 15 a 20 centimetros: cada pé dá entre quatro a seis arrateis de semente, e produz linho bastante para se fabricar mais de um metro de panno de linho finissimo, superior em belleza e em qualidade aos melhores pannos de linho francezes.»

«As sementes dão-se perfeitamente no solo do sul da França.»

Na Exposição da Industria franceza, que ultimamente se effectuou em Paris, já appareceram pannos fabricados com o linho produsido pelas sementes vindas da China.

Aos nossos agricultores compete fazerem todos os esforços possiveis a fim de poderem obter destas sementes. A experiencio val bem o trabalho e as tenues despezas, que por ventura se possam fazer.

MOLESTIA DAS BATATAS.

176 Um agricultor francez, dos mais entendidos, acaba de publicar, em um jornal de Paris, algumas observações, que elle fez com o intento de remediar ao mal, que, por toda a parte, tem atacado as batatas.

Entre varias experiencias que praticou, a que lhe produsiu bom resultado foi a seguinte: —

Mandou vir da Belgica uma porção de batatas, e semeou-as nas suas terras, sem lhes dar o cuidado, que empregava nas batatas, que antes semeava. Em tempo proprio fez a colheita, e tambem aqui não praticou senão o que praticava antes das batatas terem sido atacadas da molestia, isto é, não lhes deu cuidado nenhum especial, com o fim de as conservar.

Feito isto notou que ainda passado muito tempo da colheita, as suas batatas se conservavam sãs e sem signal de molestia alguma.

No anno seguinte fez a experiencia com batatas tambem vindas da Belgica, e teve o mesmo resultado.

Destas duas experiencias conclue aquelle agricultor — que, para que as batatas não sejam atacadas, do mal, o melhor meio, se não o unico, é de — não semear nas terras batatas que alli se deram, mas mandal-as vir de outros paizes para a sementeira; isto é, que o melhor meio de evitar o mal, é o de acclimatar em qualquer paiz batatas vindas de outros.

* *

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO VIII.

A bruxa Zaida.

174 — De boa escapámos — exclamou, rindo, Luiz de Mendonça, quando se viu fóra da taberna do Salpicão.

— Safa! Que excellente conselho que nos deu o frade! — disse Francisco d'Albuquerque. — Olha que bulha que lá vae dentro! E ás escuras!

— Matam-se todos uns aos outros.

— Vamo-nos daqui; porque a taberneira tem boa voz, e os seus gritos podem ser ouvidos pela ronda.

— Não devemos ír agora para a banda do palacio — observou Luiz de Mendonça. — É desse lado que ha-de vir a ronda, se vier; e não será bom que nos encontremos com ella.

— Onde estará o frade? Não saíu com nosco?

— Provavelmente já a esta hora está ao pé do convento. Apenas se apanhou na rua, fugiu. Não vês uma luz alli daquelle lado? — proseguiu Mendonça apontando para um pequeno clarão que apenas se distinguia a pouca distancia — Vamos vêr o que aquillo é, para dar tempo a que a briga se acabe de todo.

— Um clarão avermelhado que parece de uma fogueira de bruxas! — murmurou o capitão Francisco d'Albuquerque com algum terror: — Ha-de ser a caza da bruxa Zaida, de que fallaram alli na taberna; e que Fr. Antonio me disse que morava aqui perto.

— Pois vamos a caza da bruxa — disse tranquilamente o seu companheiro.

— A esta hora! Aqui!... Credo! — clamou benzendo-se o bom do capitão.

— Não te benzas, Francisco; senão, o diabo foge, e nós ficamos sem saber o nosso futuro.

— Não receias?..

— Nada, nada receio. Ando ha muito com vontade de consultar o diabo... e elle ha-de responder-me de certo com verdade, ao que lhe eu perguntar, porque... tem lá as suas rasões para isso.

Estas palavras do Mendonça foram ditas com uma voz lenta e funebre, que contrastava terrivelmente com o tom ligeiro que elle tinha tomado nesta conversação rapida. Francisco d'Albuquerque sentiu arripiarem-se-lhe os cabellos, e a historia da pobre Aza, da amante infiel de Luiz de Mendonça, veio-lhe subitamente á lembrança. Com tudo, o desejo de se não mostrar menos ousado do que o seu companheiro, e a vaga esperança de que a bruxa lhe fallaria na bella cavalleira, que elle pela manhã tinha encontrado na Junqueira, e que procurava esquecer em vão, levaram-no a declarar a Luiz de Mendonça, que estava disposto a acompanhal-o.

O sitio, onde ficava a cazinha da qual saía o clarão, que chamára a attenção de Luiz de Mendonça, era entre as quebradas de dois pequenos montes cortados quasi a prumo, e formando entre si um angulo agudo. A caza era toda de barro e palha, baixa, mal geitosa, e apenas sustida pelo apoio que lhe davam as duas quebradas a que estava encostada: o clarão da fogueira, que ardia lá dentro, saía, não só pelas fendas das portas, mas pelos buracos que o tempo tinha aberto nas paredes e no tecto.

Luiz de Mendonça caminhou para a porta baixa e estreita, e bateu duas pancadas com os copos da espada. Uma voz rouca e tremula, perguntou de dentro:

— Quem é?

— Abra — respondeu Luiz de Mendonça.

— Mas quem procura, quem procura aqui a esta hora? — perguntou de novo a voz.

— Zaida. É a ti que procuramos, mulher. Abre.

Ouviram-se então arrastar no chão humido da caza os pés tropegos da velha, e depois abriremse lentamente os ferrolhos da porta. Os dois mancebos entraram, e a porta fechou-se immediatamente.

Ambos ficaram calados em quanto a velha atravessava outra vez a caza, e se ía assentar

n'um banquinho ao pé do lume, que produzindo insuportavel calor, ardia a um canto, e carregava de pesado e acre fumo a atmosphera.

Zaida era alta, e magra: o rosto cortado de muitas rugas, similhava-se na pallidez e na immobilidade, ao de um cadaver: os olhos cavos, vidrados e immoveis como o resto da physionomia, pareciam, ao reflectir a luz da fogueira, irisados como a madre-perola; os cabellos estavam inteiramente escondidos por um turbante branco, que fazia singular contraste com a longa tunica negra que lhe envolvia o corpo. Uma só coisa brilhava sobre este espectro vivo; era um annel precioso, em que estava engastado um diamante, que scintilava como uma estrella.

Zaida, depois de se ter sentado, voltou-se para os dois mancebos, e perguntou-lhes com voz lenta e baixa:

— Que querem de mim, senhores, que querem?

Luiz de Mendonça não respondeu; um extraordinario sentimento de terror lhe tolhia a falla. Francisco d'Albuquerque esperou alguns instantes que o seu companheiro fallasse, mas vendo-o silencioso, respondeu:

— Queremos saber o futuro. Desejamos conhecer que sorte nos espera, que destino nos está preparado?

— Não sou eu que lh'o posso dizer, meus senhores — respondeu a bruxa. — Sou uma pobre velha, que não sabe nada; que nem de si mesma sabe.

— Pódes estar descançada, Zaida — proseguiu o capitão — nós vimos consultar-te, porque, sabemos... sabemos tudo, — e havemos de te guardar segredo; fica socegada que t'o havemos de guardar.

— Mas enganaram-vos...

— Vamos; nada de desconfianças. Aqui tens — acrescentou Francisco d'Albuquerque offerecendo-lhe um pouco de dinheiro, que ella recebeu: — isto é para sermos... para que haja confiança entre nós.

— Então que querem? — perguntou outra vez a velha pondo-se de pé.

— Que nos digas o futuro — repetiu o capitão.

— É difficil, muito difficil — murmurou a bruxa accendendo uma candêa á fogueira, e encaminhando-se para o lado da caza que ficava encostado ao monte.

Ahi havía uma porta, quasi escondida na parede, que ella abriu cautelosamente: e dizendo com um gesto aos dois fidalgos, que a seguissem, entrou n'uma caverna, para onde dava a porta mysteriosa.

O logar para onde Zaida conduziu os dois mancebos era uma caza baixa, e quasi circular, aberta na rocha, no meio da qual havia uma pedra redonda e negra, que parecia destinada a cruentos sacrificios. Nas paredes deseguaes e escabrosas estavam pendurados objectos informes, que vacilavam ao clarão amortecido da luz da candêa: do tecto humido, onde brilhavam algumas gotas de agua suspensas na ponta de pequenas stalactites, pendia uma enorme lampada de ferro. Dois gallos negros, e um gato raiado como o tigre, eram os habitantes deste antro tenebroso.

A bruxa accendeu tres luzes na lampada de ferro; depois juntou algumas achas sobre a pedra redonda, e deitou-lhes fogo. A humidade fazia com que luzes e fogueira crepitassem ao accender-se, e lançassem uma luz incerta, ora viva, ora amortecida, que tornava ainda mais medonha aquella scena singular.

Logo que Zaida viu bem accesa a fogueira, voltou-se para os dois mancebos, e perguntou-lhes qual dezejava consultal-a primeiro.

— Este — respondeu Francisco d'Albuquerquer, apontando para o seu companheiro.

Luiz de Mendonça não tinha dito uma só palavra desde que entrára na caza da bruxa; e, embuçando-se escondêra o rosto nas pregas da sua capa vermelha. A esta palavra de Francisco d'Albuquerque respondeu elle apenas com um gesto.

— Dê-me a sua mão direita — disse Zaida.

Mendonça estendeu a mão por debaixo da capa, sem se desembuçar. Zaida pegando-lhe, poz-se a consideral-a attentamente, murmurando entre dentes palavras incomprehensiveis.

— É extraordinario! — exclamou ella ao cabo de alguns segundos — é incomprehensivel! — Deixe-me ver a mão — proseguiu ella — quero observar... custa-me a comprehender... É singular! Ambas dizem o mesmo! — E largando a mão esquerda do mancebo, a bruxa foi buscar um cópo de vidro cheio de agua, e pondo-o ao pé do lume, tirou do dedo o annel em que brilhava o diamante maravilhoso, e offerecendo-o a Luiz de Mendonça:

— Aqui está este diamante — disse ella: — lance-o na agua, para que nos responda.

Luiz de Mendonça estremeceu e recuou um passo quando Zaida aproximou delle o mysterioso annel: — Não — murmurou elle — não posso tocar nesse annel: não posso.

— È indispensavel que faça o que eu lhe disser; senão, é impossivel que lhe responda, que saiba... o que nós dezejamos saber — disse a bruxa rapidamente, e quasi cholerica.

Luiz de Mendonça fazendo visivelmente um supremo esforço para vencer uma repugnancia, que era inexplicavel para Francisco d'Albuquerque, tomou o annel entre os dedos, e deixou-o cair no fundo do cópo.

Zaida murmurou novas palavras mysteriosas; e depois baixou lentamente a cabeça para observar o que se passava no fundo do cópo.

— Ai! Que horror, que horror! — clamou ella, tapando os olhos com as mãos, e dando um grito suffocado e um gemido de angustia.

— O que é? Que tens, mulher? — perguntou o moço capitão, a quem esta scena causava incrivel terror.

— Era minha filha, a minha pobre filha que alli estava. Vi-a morta... E foi este homem quem a matou. Olhae — proseguiu ella — vede, vinde ver o que eu vi.

Francisco d'Albuquerque olhou para o fundo do cópo, mas não viu nada. Luiz de Mendonça ficou immovel como uma estatua, sem fazer um gesto, sem dar um signal de vida.

— Este homem já assassinou — proseguiu Zaida. — Está escripto naquellas mãos. Assassinou uma mulher; vi-o eu no fundo daquelle cópo. Agora, resta saber o nome dessa mulher desgraçada...

— Não foi para que vós contasseis a historia da minha vida, que viemos aqui! — bradou n'uma explosão de raiva Luiz de Mendonça. — Dize-nos o futuro; o futuro só.

O gesto com que acompanhou estas palavras desprendeu-lhe a capa do hombro esquerdo.

— Luiz de Mendonça! — bradou Zaida ao ver-lhe o rosto pallido. — Que fizestes de minha filha; que fizestes de Aza, Luiz de Mendonça?

— Tua filha traiu-me; deixou-me por outro... não sei, não te sei dizer onde está.

— Morta, está morta a minha rica filha! — A voz de Zaida tornára-se vibrante, forte, apaixonada: — Está morta — proseguiu ella — encontrei-a morta na praia, tinham-na deitado ao mar. Aquelle annel que ha pouco lhe dei, senhor, trazia-o ella no dedo; e por isso tremeu quando lho mostrei, e por isso lhe não queria tocar: foi elle que denunciou o assassino...

— Socega, mulher — disse Francisco d'Albuquerque aproximando-se della: — tua filha morreu por algum accidente; talvez se afundasse o barco em que ía, talvez...

— Vi-a alli, morta! — proseguiu a bruxa — apontando para o cópo de agua — e vi-o a elle tambem, a elle que a matou.

— Eu amava tua filha! — interrompeu com um gemido Luiz de Mendonça. — Esse amor queria-o mais do que a vida... e traíu-me, Aza traíu-me...

— Assassinastel-a.

— Não me falles no passado, mulher; que me matas. A vista deste annel, que eu mesmo lhe dei, mata-me de dôr.

Houve depois destas palavras um longo silencio, durante o qual o rosto de Zaida serenou um pouco. A velha bruxa, mais tremula do que dantes, mas sem dar nenhum signal de dôr, voltou-se para Luiz de Mendonça.

— Quer saber o futuro? — Disse ella — Pois bem! vejamos o que dizem as dormideiras. O futuro ha de ser similhante ao passado.

— Não quero saber mais nada, Zaida: não me tornes a fallar, mulher!

Zaida, sem responder, pegou de tres cabeças de papoulas, e repetindo palavras inarticuladas, lançou-as na fogueira, que ardia sobre a pedra redonda. As papoilas queimaram-se rapidamente, produzindo um fumo branco e ligeiro, que subiu ao ar em fórma de corôa. A corôa de fumo foi subindo, e alargando-se cada vez mais; Zaida seguia-a com os olhos, e rugia de raiva. Porém quando ía quasi a chegar ao tecto, a corôa quebrou-se, o fumo formou um rolo revolto e informe, e baixou rapidamente, impellido talvez pelo ar que entrava por alguma das fendas da abobada.

A bruxa deu um grito de selvagem alegria, ao ver partir-se a corôa, e bradou: — Quizeste amar uma Rainha; mas a corôa quebrou-se, e as tuas esperanças malograram-se. Luiz de Mendonça, os tormentos de um novo amor hão de vingar-me da morte de minha filha!

Luiz de Mendonça não respondeu uma unica palavra a esta exclamação de Zaida; mas a sua pallidez tornou-se um instante cadaverica, e os labios azulados tremeram-lhe n'uma convulsão

O coração deste homem, que devia ter morrido para o amor, palpitára naquelle dia mais rapidamente ao vêr passar a nova rainha no seu coche doirado.

Zaida voltou-se então para Francisco d'Albuquerque, e perguntou-lhe se tambem queria conhecer a sua sorte; e como este lhe respondesse, que sim tremendo, a bruxa observou-lhe attentamente as linhas da mão:

— As tuas mãos estão puras — disse ella — mas ha ahi uma linha fatal, cuja significação não posso comprehender. É talvez um signal de morte; talvez seja apenas o presagio de grandes desventuras.

— És sempre sinistra, Zaida; não sabes vaticinar senão desgraças! — exclamou o moço capitão.

— Vieste a esta caza com o assassino de minha filha.

— Calla-te! — rugiu Mendonça levando a mão ao punhal.

A bruxa pegou n'uma varinha branca, e traçou com ella um circulo, que dividiu em muitas partes, em cada uma das quaes escreveu uma letra. Depois lançou sobre cada letra um grão de milho negro, e pondo no centro do circulo um dos gallos que estavam empolleirados ao canto da casa, começou a dizer as seguintes palavras:

— Gallo negro, gallo negro; negro da côr da noite! Vae gallo maldito, que o diabo beijou na christa, lê o nome da amante deste homem, gallo negro; e dize-lhe a sua fortuna.

O gallo comeu o bago de milho que estava sobre a lettra M, depois o da lettra A, e successivamente o das outras lettras, até completar o nome de MARGARIDA. O gallo depois de ter comido, os nove grãos de milho, cantou duas vezes, com uma voz rouca e aspera.

Francisco d'Albuquerque ficou passado de terror, ao ver descoberto por este modo um pensamento que ainda estava tão escondido, e, para assim dizer, tão informe no fundo da sua alma, que nem elle mesmo o tinha adivinhado. A imagem da Calcanhares, graciosa e quasi divina, passou-lhe por diante dos olhos, e apagou-lhe totalmente da memoria por um instante a lembrança dos seus amores com Thereza, a candida menina com quem elle se tinha creado.

— Os seus amores hão de ser desgraçados — disse Zaida. — O gallo cantou duas vezes apenas; e a sua voz foi terrivel.

— Mas eu não conheço, não amo... Margarida — murmurou Francisco d'Albuquerque.

Uma pancada na porta exterior veio interromper esta phrase balbuciada a custo por Francisco d'Albuquerque.

Zaida depois de recommendar aos dois fidalgos que não saissem da mysteriosa caverna, deixou-os para ir ver quem batia.

Poucos instantes depois ouviram elles uma voz melodiosa e pura de mulher, que fallava com a velha bruxa.

— Venho aqui para que me ensines algum encanto, alguma reza com que me faça amar — dizia ella: — dar-te-hei o que me pedires...

— Uma menina tão linda não precisa senão de si, para ser amada por quantos a veem — respondia Zaida.

— Vi hoje pela primeira vez, Zaida, um fidalgo moço e gentil, como não ha outro em toda a côrte... fiquei morta de amores por elle! — exclamava com exaltação a mulher, cuja voz commovia profundamente o coração de Francisco d'Albuquerque. — Tu bem sabes que uma mulher como eu não deve amar sem ser correspondida.

— Ha de sel-o; ha de ser adorada por esse homem. Mas cautella! — proseguiu a bruxa abaixando a voz. — Que o não saiba ninguem, senão... ambos ficariam perdidos... — As ultimas palavras desta phrase não as poderam os dois amigos perceber.

— Fica socegada. Tu és incapaz de me trahir; e eu não digo a mais ninguem... — A voz murmurou aqui algumas palavras ininteligiveis.

— Tudo se ha de fazer como deseja — concluiu Zaida depois de fallar algum tempo em voz baixa. — Mas é preciso que saiam primeiro dois fidalgos que me vieram consultar, e que estão alli dentro. Em quanto elles cá estiverem, não é possivel, não se póde fazer o encantamento.

— E não me disseste...

— Não tem duvida.

Zaida entrou então na caverna onde estavam os dois moços fidalgos, para lhes pedir que saissem de sua caza, e a deixassem só com a pessoa que a viera consultar. Francisco d'Albuquerque, e o seu companheiro, embuçando-se nas capas, seguiram os passos tremulos da velha bruxa.

Ao passar proximo da mulher, que na caza exterior, mal alumiada, esperava para entrar no templo maldicto, onde Zaida fazia os

seus impuros sacrificios, que os mancebos saissem, os olhos do ousado provinciano encontraram-se n'um relance com os dessa dama de melodiosa voz, que escondia o rosto nas pregas de uma ampla manta negra. Este olhar foi rapido, mas profundo e como electrico; ambos estremeceram, e ambos reprimiram a custo um grito que lhes ía a escapar dos labios.

Francisco d'Albuquerque reconhecêra naquelle olhar a formosa dama da Junqueira; a graciosa mas terrivel Calcanhares. Esta sentíra que passava proximo della o *gentil fidalgo*, por quem tanto desejava ser amada.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

MEMORIAS DA INFANCIA.

(No album de C. de C. N.)

178 Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha;
E mais se augmenta a distancia
Desse tempo que foi já,
Mais cresce em nós a saudade,
Mais a imagem dessa edade
Risonha á mente nos vem,
Que tempo de egual ventura,
Edade de mais candura,
Não a torna a ter ninguem.

Namoramos o que fomos
Quer no prazer, quer na dor,
E medindo o que hoje somos
Vemos espinhos... sem flor;
Eram d'anjo aquelles annos,
São da terra estes enganos,
Estes dias que ora são;
Então bastava a innocencia,
Hoje só a penitencia
Nos dá peso ao coração.

O riso então era vida,
Vida as lagrimas tambem;
Toda a terra conhecida,
Todas as galas que tem,
Era tudo n'uma sala,
Enchida por essa falla
Que um mundo sabe crear;
Por aquella voz materna;
Que tem o condão de eterna,
Que fica sempre a lembrar.

Lembra tudo desses dias;
Lembra a oração da manhã,
Co'as celestes harmonias
Que tinha o rezar da irmã;
Lembra o livrinho doirado,
O sancto mais festejado,
As rozas que tinha ao pé:
E a alegre velhinha ao canto,
Sorrindo por entre o pranto,
Que baptiza aquella fé.

Lembra tudo! aqui brincámos
Sob um puro céu d'anil,
Alli ralharam... chorámos,
Depois mil beijos, e mil;
Lembra o ramo das violetas,
A caça das borboletas,
A queda... e ao longe um ai
Da mãe correndo ligeira,
Depois, em dia de feira,
O carro que trouxe o pai.

Lembra tudo! aquella historia
Tão desejada aos serões!
Quem perderia a memoria
Ou da bruxa, ou dos ladrões?!
E como a velha a contava!
Ninguem lá pestanejava,
Que póde um ponto escapar;
Acabava por mil modos,
Mas sempre no fim de todos,
Era uma pena acabar.

Oh! como lembra essa meza
Onde era tudo ao redor!
A cadeira, o copo, a reza,
Essa vida, aquelle amor!
Onde haverá mais encanto?
Um tempo que lembre tanto
Quem duas vezes terá?
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha.

E pois, que as margens do Douro
Tu voltas, amigo, a vêr,
Conta lá que o meu thesouro
Taes memorias hão-de ser;
Conta lá que o homem feito
Não riscou inda do peito
O amor do patrio torrão,
Nascido quando em creança
Os olhos, cheios de esp'rança,
Abriu á luz da razão.

Nascido lá nessas terras
Tal amor cá não morreu;
Não sabe o filho das serras
Esquecer onde nasceu;
Tira orgulho dessas fragas
Embora em mais ricas plagas
Viesse longe crescer;
Embora feliz no Tejo,
As aguas do meu desejo
Andam no Douro a ferver.

Andam, que foram aquellas
Onde primeiro me vi,
Foi por essas margens bellas
Onde eu primeiro corri;
Onde vi o sol e a lua,
As conchas na praia nua,
No campo visinho a flor,
E na concha e flor escripto
Aquelle nome infinito,
Que enche o mundo, e diz — Senhor.

Oh! foi lá que inda nos braços
Tinha as azas de setim,
Como essas que nos espaços
Bate um alvo cherubim;
Foi lá que fui innocente,
Que tive mãe... aquelle ente
Que nunca mais encontrei!
Foi lá que a terra, a meus olhos
De rozas em vez d'abrolhos,
Toda vi, e toda amei!

Oh! foi lá!.... e tal candura
Risonha á mente me vem,
Que tempo de egual ventura
Não o torna a ter ninguem;
Tanto mais nos cresce a edade
Mais cresce em nós a saudade
Desse tempo que foi já;
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha.

Lisboa 23 de Setembro — 1849.

J. DE LEMOS.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

26 a 31 de Dezembro.

DIARIO N.° 304.

179 Decreto mandando escripturar e dar em conta as verbas da despeza da Administração Geral dos Correios e Postas do Reino.

DITO N.° 306.

Decreto creando uma repartição de liquidação, no Ministerio da Guerra.

DITO N.° 308.

Decreto providenciando sobre varias attribuições do Conselho de Estado.

Decreto mandando pôr em vigor um plano de organisação para o Exercito.

INSTRUCÇÃO RELIGIOSA.

Com satisfação publicamos o seguinte aviso.

180 A meza do conselho director da Sociedade Catholica Promotora da Moral Evangelica em toda a Monarchia Portugueza, não tendo ainda este anno, como muito desejava, conseguido poder estabelecer, no reino, um collegio proprio da Sociedade, o que todavia espera com ajuda de Deus, Nosso Senhor, levar ávante em Outubro do futuro anno, desejando ao mesmo tempo desde já dar o possivel cumprimento ao disposto na 3.ª parte do art. 2.° dos seus provisorios estatutos, acordou contractar com os Sr.es directores de dois acreditados estabelecimentos de educação, desta capital, a adopção de alumnos seus para as seguintes disciplinas: — Latim, e Latinidade, Logica, Methaphysica, Etica, Rethorica, Geographia, e Francez:

Portanto convida a todos os mancebos, maiores de 12 annos, que tenham vocação para o estado ecclesiastico, e que se quizerem aproveitar destes preparatorios, a que se dirijam ao secretario assignado, a quem pódem procurar em qualquer 2.ª ou 5.ª feira, não sendo dia santificado, desde o meio dia até ás duas horas da tarde, na rua de S. Julião n.° 26, 2.° andar, onde interinamente se acha estabelecida a secretaria geral da Sociedade.

Lisboa. — Secretaria geral da Sociedade Catholica, 20 de Dezembro de 1849.

O secretario geral de *A. O. Campos e Silva.*

ORÇAMENTOS FRANCEZ E INGLEZ.

181 Comparando os ultimos orçamentos da França e da Inglaterra resulta o seguinte, appresentando as quantias em francos.

	Inglaterra.	França.
Divida Publica.....	612,484,900	453,143,796
Exercito e Armada .	421,617,452	465,526,415
Administração	239,493,075	426,139,198
Despeza com a recepção dos Impostos.	115,979,850	225,761,660
Total das despezas. .	1,389,575,250	1,572,571,069
Total das receitas...	1,460,733,250	1,411,732,007

A divida publica ingleza em relação á receita absorve 42 por cento da receita total, e a divida franceza 32 por cento. Applicando o mesmo raciocinio ás outras verbas de despeza, segue-se que em relação á receita na Inglaterra a despeza do exercito é de 28 por cento, a da administração 16 por cento, a da recepção de impostos de 8 por cento; e em França a despeza do exercito é de 33 por cento da receita total, a da administração de 30 por cento, e a da recepção de 15 por cento.

THEATRO DE D. MARIA II.

122 A transformação do nosso primeiro theatro portuguez vae-se completando. Ao passo que um jornal de theatros noticía que — a situação do theatro é tão prospera, que despende 300$000 réis mensaes com o seu corpo de baile, — os cartazes annunciam o *debute* do baritono *Velasques*, e a continuação das arias da Sr.ª *Landa*. Depois afixam nas esquinas o annuncio de que invocarão *Nossa Senhora dos Anjos* sobre as taboas do palco, e uma continuada e redonda pateada avalia devidamente a irreverencia, o desconcerto e a immoralidade do drama.

Como a epocha do orçamento se approxima, parece — que a direcção do theatro vae mandar duas vanguardas ao ataque, para conquistar a verba, com que sustente os seus dançarinos, cavallos e cavallos. Para nós só tem esta explicação as proximas repre-

sentações do *Fr. Luiz de Sousa*, do Sr. Garrett, e do *Pedro*, do Sr. Mendes Leal.

DIVIDA HISPANHOLA E PORTUGUEZA.

183 É sabido que a divida externa hispanhola tinha descido, a baixo preço, pela falta continuada do pagamento de juros. Noticias de Paris nos annunciaram que na praça dessa cidade e na praça de Londres, se haviam recebido cartas de Madrid, nas quaes se fallava com muito fundamento em que o ministerio hispanhol incluiria nas suas reformas economicas algumas providencias a bem do seu credito fóra do paiz. Os fundos hispanhoes subiram em ambas as praças, e em Paris Mr. Dubourg — banqueiro, rua *Fontaine Moliére* annunciou, que comprava com dinheiro de contado a divida fundada externa, tanto hispanhola como portugueza. O boletim commercial da *Presse* de 18 Dezembro, contém o seguinte ácerca da divida hispanhola.

« O annuncio para o pagamento dos 3 por cento á « divida interna e externa hispanhola foi causa de que « os ditos fundos tivessem alta no valor. Os possui- « dores, apezar deste facto, não estão satisfeitos com « o projecto de lei, appresentado em côrtes para re- « gular a divida publica. »

CONCERTO MUSICO NO PALACIO DO CALHARIZ.

184 Um dos mais respeitaveis previlegios da missão do jornalista, é o poder estender a mão para o infortunio, e enxugar-lhe as lagrimas, ou dar-lhe animo para não succumbir no caminho da amargura. Exercemos hoje este direito christão, dando noticia de um brilhante concerto que haverá no dia 15 do corrente, no palacio do Sr. Duque de Palmella ao Calhariz; e o qual tem por fim fazer com que uma das mais bellas artes pague o devido tributo a uma das suas victimas que a desgraça feriu com duros golpes. O concerto é offerecido por Madame C. Andrade — Senhora de muita instrucção, e que foi redactora do jornal francez — *L'Abeille*.

Para prevermos que será uma festa excellente, basta-nos saber que para este sarau musical concorrerão entre outros os raros e conhecidos talentos da Exm.ª Sr.ª Oneill, do Sr. Conde do Farrobo, Conde de Linhares e Cazela.

É provavel que a noite de 15 do corrente seja lembrada como uma das que reuniu, no presente inverno, a mais brilhante sociedade.

THEATRO DE S. CARLOS.

485 A nova opera *D. Bucephalo* é vulgar. O novo baixo é de mediano merito. Os insipidos bailados foram, na terça feira, pateados a ponto, de que até os saltos da Sr.ª *King* se não salvaram do naufragio de toda aquella desordem dançante.

A empreza não deve perder tempo em melhorar, quanto antes, a organisação do theatro.

EXPORTAÇÃO DE LARANJA.

186 Pelo *Açoriano* consta que, desde 12 de novembro até 23, se embarcaram em Ponta Delgada, para diversos portos de Inglaterra, 12,095 caixas grandes de laranja e 975 caixas pequenas — só a exportação destas caixas empregou 25 navios, estando á carga 21 escunas e 3 chalupas.

GAZETA MEDICA DO PORTO.

187 Este jornal publíca ao presente uma curiosa — Memoria ácerca da vida e escriptos de Jacob de Castro Sarmento. —

EMPREZA COMMERCIAL.

188 Um jornal do Porto diz, que na praça se formára uma sociedade commercial, com o fundo de 16 contos de réis, divididos em 100 acções, a qual tem por fim — mandar vir de Inglaterra um barco de vapor para rebocar os navios. Realisado este pensamento, a sociedade póde ser de muita vantagem para o commercio, facilitando a entrada da barra que tantas vezes é difficil.

EXPORTAÇÃO DE DINHEIRO RUSSO.

189 Um ukase imperial permitte, que desde o 1.º de dezembro se possam exportar as moedas de oiro e prata, seja pela fronteira occidental, ou seja pelos seus varios portos. Esta exportação havia sido prohibida em 1848.

ESTADO SANITARIO DA ILHA DE S. MIGUEL.

Lemos no *Correio Michaelense* de 1 de Dezembro findo, os seguintes periodos em um artigo publicado com o titulo de

MOLESTIAS REINANTES.

190 « Na presente estação, mais ou menos fertil todos os annos em doenças febris, tem nesta cidade apparecido, e tomado incremento um não pequeno numero de febres inflammatorias, atacando principalmente os adultos e creanças. Mezes ha que se havia notado o desenvolvimento de affecções identicas n'algumas freguezias ruraes, mormente nas capellas.

A constituição atmospherica parece ser a principal causa de similhantes enfermidades. Como nos demais tempos, esta causa obra, com mais intensidade, nos logares em que ha maior somma de individuos juntos, e com disposições hygienicas e moraes proprias para favorecerem a sua apparição: fallamos do quartel militar, e das prisões.

Consta-nos que diariamente entram no hospital doentes affectados de febre, vindos destas duas localidades, e que n'alguns delles as molestias se tem com-

plicado de simptomas graves, passando ao estado de malignas.»

NECROLOGIO.

Ex.ª Sr.ª Marqueza de Alvito D. Rita.

191 Mais um nome illustre se escreveu na pedra do tumulo.

Mais uma boa alma povoa o céu e é chorada na terra.

Morreu a Ex.ª Sr.ª Marqueza de Alvito, D. Rita — da Caza de Angeja.

Havia nascido em 2 de Dezembro de 1786.

Foi dama da Rainha a Sr.ª D. Maria I.

A intelligencia e desvello com que lhe assistiram os Srs. Bernardino e Teixeira, não tiveram poder sobre a morte que implacavel vinha pôr termo a uma vida sempre respeitada.

O seu elogio está só no seguinte facto.

Com as lagrimas da familia, que tanto a chora, se confundem as dos pobres de quem era mãe.

ASSASSINIO PRATICADO POR CONTRABANDISTAS.

192 Eis-aqui os promenores que obtivemos ácerca do assassinato de um fiscal e dois guardas do Contracto do Tabaco.

Em vinte e oito de Novembro o fiscal Pessanha e os guardas Antonio José Martinho Alves, Boaventura dos Sanctos, Francisco Pedro, e Antonio Rodrigues, sahiram de Evora pelas quatro horas da madrugada, dirigiram-se ao Monte da Pedra Alçada, nas proximidades da Villa dos Reguengos, e d'alli ao Monte do Aguilhão no dia vinte e nove, onde dormiram, vigiando de noite as estradas; no dia trinta dirigiram-se ao Monte do Casco, onde chegaram pelas tres horas da tarde, e em seguida foi Pessanha reconhecer o porto das Estacadas que dá passagem no Guadiana para Hispanha, e voltando ao anoitecer ao Monte do Casco, comeu com o guarda Boaventura, e ficando este com o guarda Antonio José Martinho com os cavallos, por ordem do Pessanha, marchou este para o porto das Estacadas, com os dois guardas, Francisco Pedro, e Antonio Rodrigues; — passada a noite do dia trinta, manhã do dia primeiro, apparecendo o guarda do matto Bernardino, disse para os guardas que ficaram com os cavallos, — ora os seus companheiros perderam-se, porque elles ainda cá não estão, e eu passei no porto esta madrugada e elles não estavam lá; — foi então que os foram procurar, e não os encontrando, voltaram ao Monte, onde depois chegou o porqueiro do Monte de S. Ildefonso a dar parte que se achavam dois homens mortos dentro de um barranco, na proximidade do porto; e foi alli que foram encontrados o Pessanha morto, e quasi morto Francisco Pedro, não apparecendo Antonio Rodrigues, que foi depois descoberto por um carreiro, que ia á lenha, e por elle condusido ao Monte do Casco.

Procedeu-se pelas auctoridades do Alandroal a exame e corpo de delicto, e as maiores diligencias se fazem para descobrir os perpetradores deste attentado.

THEATROS DE PARIS.

193 No *theatro da Nação* — Duprez — cantou pela ultima vez. Para um verdadeiro artista como Duprez este ultimo adeus á scena era como o tremendo momento de um suicidio. É sempre um grande acto de coragem o conhecer, quando se deve deixar o caminho da gloria para que as palmas colhidas não comecem a secar. O publico saudou com muitos applausos a coragem do grande cantor.

O espectaculo deste seu ultimo beneficio constou de um acto da — *Judia* — um acto de *Othelo* e um acto da — *Luzia*. — Grisi, Roza, Cheri e Paulina Garcia, prestaram a Duprez o auxilio do seus talentos. Foi nessa noite muito aplaudida a sua discipula Miollan.

No *theatro da Republica* se representou uma comedia em 5 actos, e em verso por Emilio Augier, intitulada — *Gabrielle* — a qual agradou muito.

No *theatro de la Gaité* foi muito applaudido um melodrama em 6 actos — do auctor do *Sineiro de S. Paulo* e do *Pobre Pastor* — *Bouchardy* dando como conhecido o magnetismo no seculo XII, torna extraordinariamente interessante — a sua nova composição a — *Cruz de S. Jacques*.

No *Gymnasio* representou-se *Cachemire vert*, por Alexandre Dumas.

No *theatro Italiano* cantou-se a *Mathilde de Schabran*, debutando com fortuna o novo tenor Lucebeci.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 2 de Janeiro.

194 Subsistem os preços cotados no n.º anterior.

Estado do mercado, em 2 de Janeiro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Não houve vendas.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$550 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$350 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$300 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Limitam-se as vendas ao consumo.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé do Rio — 2$400 a 2$500 rs. — Preços nominaes.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 225 a 226 rs. — Não tem havido vendas.

Marfim de lei 950 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 6$400 a 7$000 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

PRAÇA DE LONDRES.

195 O nosso correspondente de Londres escreve-nos o seguinte em data de 27 do passado:

« Os fundos appresentaram-se apparentemente firmes e até indicando tendencias para alta, mas como as transacções eram puramente especulativas, a pequena subida de preços não pôde sustentar-se até ao fechar da praça, em que os consolidados ficaram a $96\frac{1}{8}$, os 3 pr. $\frac{0}{0}$ reduzidos a $96\frac{5}{8}$, e os novos 3 e 4 pr. $\frac{0}{0}$ variando de $97\frac{5}{8}$ a $97\frac{3}{4}$.

Os exchequer bills eram novamente procurados e com mais algum premio.

As transacções de fundos estrangeiros foram mui limitadas, effectuando-se principalmente com os mexicanos que alcançaram $29\frac{1}{2}$; os bonds do Brazil estiveram a $88\frac{1}{2}$, os 5 pr. $\frac{0}{0}$ hispanhoes a 19 em dinheiro e para conta, e os 3 pr. $\frac{0}{0}$ a $38\ \frac{7}{8}$ e $38\ \frac{1}{2}$. Os fundos portuguezes nestes ultimos dias tem regulado de 36 a 37.

Conforme avisos de Breslau de 19 o resultado das vendas de lãs, em Londres, deu alli consideravel impulso, achando principal extracção as finas da Polonia, e as ordinarias e entrefinas da Silesia; sendo os principaes compradores russianos e inglezes.

O mercado de generos tem tido nestes dias, em que entrou a festa do Natal, pouca concorrencia. Os especuladores estavam dispostos a comprar caffé e arroz, se apparecesse quem vendesse; o chá teve bastante procura; os preços dos algodões mantiveram-se firmes; os do assucar, como em todo o anno, tem tido pequena variação, não offerecendo interesse nesta parte o caracter geral do mercado.

Nos algodões, em Liverpool, notou-se movimento de transacções: venderam-se mil balas, e os americanos subiram 1 sch. e ás vezes 16 d.

O supprimento de trigo estrangeiro tem escaceado nesta semana, e a quantidade de trigo inglez á venda, na manhã de hontem 26, era insignificante.

A côrte já se transferiu de Osborne-house, para a real residencia de Windsor-Castle. Passa por assentado que o parlamento abre-se a 29 do proximo Janeiro; com tudo, ainda não consta se a abertura da sessão será feita pessoalmente por S. M., se por commissão. »

PRAÇA DE PARIS.

Do *Boletim Commercial da Presse*, tomamos o seguinte: —

196 Muitos fabricantes esgotaram o provimento que tinham feito de algodões ou de lãs, e começaram a concorrer ao Havre e aos mercados para obterem materias primas, o que explica a subida que ha dias tem tido no Havre os preços dos algodões; quanto a lãs cardadas e sedas cruas tem-se conservado firmes. Os possuidores de materias primas em Rheims, Paris, e mercados do Sul, preferirão por algum tempo effectuar poucas transacções a fazer abatimento, e agora é provavel que as fabricas e consumidores sejam obrigados a acceitar a alta dos preços.

Um ramo de industria quo vae tendo grande desenvolvimento é a construcção de instrumentos musicos. Um de nossos principaes fabricantes de pianos, que se viu no cazo de despedir todos os seus operarios depois da revolução de Fevereiro, admittiu ha pouco 400, que trabalham activamente na feitura de numerosas encommendas. Os fabricantes de instrumentos de latão tem igualmente muito que fazer; porém, nem uns nem outros trabalham para França; toda essa obra é destinada á exportação. Os pianos vão para a America tanto do Norte como do Sul, onde os fabricantes francezes não tem rivaes: — os instrumentos de latão são para Hispanha, sendo notorio que ha tempos a esta parte Narvaez tracta de reformar as musicas dos regimentos hispanhoes; os instrumentos daquelle genero, que se tem fabricado ultimamente em Paris, são quasi todos feitos por conta do governo de Hespanha,

Parece coisa assentada que no dia 6 de Dezembro será posto em vigor a nova pauta hespanhola. Consideravel quantidade de fazendas de toda a casta foi enviada para as fronteiras a commissarios que receberam ordens de esperar que começasse a reger a pauta para as introduzirem no territorio hispanhol. Ainda não consta que destino tiveram essas diversas remessas, que deviam sujeitar-se á verificação das alfandegas hispanholas; e esperam-se com impaciencia as primeiras informações quanto ao modo por que seria interpretada a pauta nas fronteiras.

Acabam de chegar da California novos documentos que persuadem os negociantes francezes a pôr termo ás suas remessas de tecidos de lã e algodão para o porto de S. Francisco. Tinham expedido tamanha quantidade que o mercado ficou atulhado, e aquellas fazendas só podem ter sahida com muita difficuldade. Porém, o luxo começa a desonvolver-se nessas regiões auriferas; e os especuladores francezes podem contar com bons resultados mandando objectos de luxo e de phantasia, sobre tudo os que se conhecem pela denominação de fazendas de Paris.

Quanto aos productos agricolas, baldada foi a lisongeira esperança de que os preços dos cereaes teriam algum impulso para mais, as noticias que recebemos de todos os contornos de Paris ainda mencionam baixa. Continuam as offertas de farinhas, mas obtem-se melhores preços ajustando a venda para Janeiro ou Fevereiro. Muito se confia em que as exportações para Inglaterra, que ha tempos teem sido bem diminutas, em breve se ampliem algum tanto mais; o que parece confirmar-se pelas noticias recebidas de varios portos do Baltico, datadas de Dezembro.

Segundo escrevem de Dantzik, em 30 de Novembro, o Vistula estava completamente gelado. As carregações de trigo ficavam interceptadas; e continuando o frio não poderiam receber-se os trigos procedentes da Polonia. Em Koenigsberg, no 1.º de Dezembro esperavam que os navios carregados de cereaes poderiam sahir, porque havia começado, e proseguia rapido o degêlo.

Em toda a parte, a chegada da estação dos gelos tirando a esperança de se poderem expedir os cereaes destinados á exportação tinha resolvido os fazendeiros a darem os trigos por mais baixo preço, de que resultou descerem nos mercados de Dantzik, de Koenigsberg, de Grielswald, de Rostock e de Hamburgo.

Se o frio não permittir que os cereaes cheguem ao Elba que na data de 4 de Dezembro estava completa-

mente gelado, resultará carestia nos mercados inglezes, que os obrigará a virem fornecer-se a França. Esta, circumstancia promoverá alta nos preços dos nossos cereaes.

Tambem corre que o governo russiano acaba de prohibir a exportação de cereaes da Polonia; e que as difficuldades de communicações impedem a sahida dos da Austria. Todas estes factos contribuem para que a Inglaterra consuma o provimento que ha pouco tempo havia feito.

Os assucares estiveram completamente abandonados no Havre, drsde o principio do mez, e os preços conservam-se baixos.

As transacções de azeite doce acham-se muito inactivas em Marselha onde cotam o hectolitro (5 almudes e 11 canadas proximamente) a 109 fr. 40 c. á vista, e 111, 70 para Fevereiro ou Março. O azeite da Provença tem sido mais procurado. — Em Lille o azeite ou oleo de colza (da semente de uma couve assim chamada) estava cotado a 89, 50 o hectolictro, e sendo purificado a 94, 50.

As lãs ordinarias e entrefinas são procuradas em Paris; vendem-se lãs de Hispanha para cardar, ao preço de 2, 25 a 5, 70 o Kilogrammo (2 arrateis e 22 oitavas). Esperam-se grandes remessas de lãs em tosco, que os cardadores preferem geralmente ás lavadas.

As vendas de algodões que eram completamente nullas no Havre, a semana passada reanimaram-se um tanto em consequencia da procura de algumas fortes partidas para consumo interno. Avisos de Nova-York de 28 de Novembro, annunciam grande baixa e logo depois a subida $\frac{5}{8}$ por cento, em virtude da continuação de noticias de alta de preço na Europa. Mas nunca poderam voltar aos preços de 10 de Novembro.

Os especuladores lançaram mão de quasi todo o caffe disponivel na maior parte de nossos mercados, e a quantidade é assás diminuta; todavia os preços em geral não altearam nesta semana. Em Marselha a falta do genero é causa de não se effectuarem vendas.

Em Paris o ferro de fundição franceza val 11 a 12, o chumbo de Hispanha em barra 47, 50, o de Inglaterra 47 $\frac{1}{2}$ a 48; o cobre da Russia 2, 35, a 2, 40, o de Inglaterra 2, 20 a 2, 25.

BIBLIOGRAPHIA.

197 CYROPEDIA DE XENOPHONTE, traduzida do grego e annotada por João Felix Pereira, alumno da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa e Lente de Geographia, Chronologia e Historia no Lyceo Nacional da mesma cidade. — Offerecer ao publico em linguagem vernacula os grandes monumentos da Litteratura Antiga, é sempre coisa util. E esta utilidade se converte em necessidade, n'um paiz como o nosso, em que os antigos escriptores, e mormente os gregos, não tem, quasi absolutamente, achado interpretes. Similhante lacuna existe, ha muito, na Litteratura patria, não por falta de pessoas capazes de preenchel-a, mas pela pouca estima em que é havido, em nossa terra, o idioma de Platão e de Thucydides. Não se pense, porém, que nos ufanâmos de ir encher aquelle vacuo com a traducção da *Cyropedia*, é elle muito profundo para se encher com tão pouco material. Com esta publicação levamos só em mira, estimular a capacidade daquelles, que dotados do talento superior ao nosso, podem com mais copiosos contingentes e com mais certeza, attingir o fim proposto. Desta arte seremos como a pedra de afiar, que não corta, mas que aguça o ferro para cortar bem.

São dois pequenos volumes de 8.° Sahe ás folhas, 20 réis cada uma. Assigna-se sómente na loja do Sr. J. Paulo Martins Lavado. rua Augusta n.° 8.

—

INSTITUT NATIONAL DE FRANCE, notice historique sur la vie et les travaux de M. Rossi, par M. Mignet.

—

HISTOIRE DU CONSULAT ET DE L'EMPIRE, par Thiers, tome IX.

—

TRAITÉ DES PARTAGES D'ASCENDANTS, par Genty.

—

LE NATIONAL DE TURIN, seul journal quotidien imprimè en français, à Turin, pour toute l'Italie.

Prix	*Un an.*	*6 mois.*	*3 mois.*
Turin.....	32 fr.	17 fr.	6 fr.
Intérieur et Etranger	38 »	27 »	11 »

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.° 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

Doze numeros.....	$600 réis.
Vinte quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos	2$400 »

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

A Redacção da REVISTA desejaria muito poder augmentar o espaço do jornal para assim poder cumprir o pensamento civilisador, que ha tantos annos o sustenta, mas sendo grandes as difficuldades que em Portugal se encontram para os melhoramentos da imprensa, sente não poder ainda satisfazer este seu antigo desejo — no entanto para dar mais uma prova da consideração que tem pelos seus assignantes — e sem que se constitua em obrigação permanente — resolveu accrescentar mais meia folha de impressão a alguns dos numeros do presente volume — sem que esta despeza augmente o preço das assignaturas nem o preço da venda avulsa.

— Recebemos — *A Questão da Faculdade de Sciencias Economicas Administrativas* — reflexões pelo Sr. Roque Fernandes Thomaz.

— Ha muito que não recebemos o *Nacional do Porto* — fazemos esta participação ao referido jornal, porque lhe temos regularmente remettido a REVISTA.

— Recebemos a conclusão da obra *Histoire de la famille Bonaparte*, par Felix Wonters.

— Recebemos o n.° 2 do *Horisonte*, periodico de lettras e sciencias, publicado na Bahia.